

Cuidados paliativos no ensino médico

Palliative care in medical education

Maria Cristina Figueroa Magalhães¹.

Isadora Roberto Mesadri¹.

Giulia Karolina Sotem Pandini¹.

Fabiana Luiza Hornung¹.

Gabrielle Previdi Patino¹.

Rafaela Sartori Tonin¹.

Juliana Gebara¹.

Carolina Ragonetti¹.

Ana Carolina Falzoni Pontello¹.

1 Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

RESUMO

Objetivo: Avaliar conhecimento e preparo em Cuidados Paliativos de acadêmicos de Medicina. **Metodologia:** Estudo transversal, descritivo, de caráter epidemiológico, incluindo ao todo 201 estudantes, matriculados entre o primeiro ao sexto ano da graduação do curso de Medicina, em uma das 5 universidades de Curitiba/PR, com 15 questões subjetivas e objetivas retiradas de provas de concurso/residência, realizado após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), no período de setembro de 2020 a março de 2021. Aproximadamente 78,3% dos 201 estudantes avaliados não tiveram a disciplina no momento da avaliação ou não terão na graduação e apenas 17,9% qualificam-se a prestar Cuidados Paliativos. Entre aqueles que já cursaram ou estavam cursando a matéria, 36,4% consideraram-se aptos, enquanto dentre os que não cursaram, 87,3% negaram sentir-se habilitados. **Resultados:** Nas perguntas objetivas, a média de acertos dos alunos que já tiveram ou estavam cursando a matéria foi de 6,3/8 e do outro grupo, 5,4/8. **Conclusão:** Apesar dos estudantes possuírem bom conhecimento técnico em Cuidados Paliativos, sentem-se despreparados para o exercício.

Palavras-chave: Cuidados Paliativos. Avaliação Curricular das Faculdades de Medicina. Cuidados Paliativos na Terminalidade da Vida. Estudantes de Medicina. Educação Médica.

ABSTRACT

Objective: To assess the knowledge and preparedness in Palliative Care among medical students. **Methodology:** This is a cross-sectional, descriptive, epidemiological study, including a total of 201 students enrolled from the first to the sixth year of the medical program in one of the five universities in Curitiba, Paraná. The study utilized 15 subjective and objective questions derived from competitive and residency exams. It was conducted following the approval of the Ethics Committee of PUCPR, during the period from September 2020 to March 2021. Approximately 78.3% of the 201 evaluated students had not taken the course at the time of evaluation or would not take it during their undergraduate studies, and only 17.9% were qualified to provide Palliative Care. Among those who had taken or were taking the course, 36.4% considered themselves capable, whereas 87.3% of those who had not taken the course reported feeling unqualified. **Results:** In the objective questions, the average score of students who had taken or were taking the course was 6.3 out of 8, compared to 5.4 out of 8 for the other group. **Conclusion:** Despite having good technical knowledge in Palliative Care, students feel unprepared to practice it.

Keywords: Palliative Care. Evaluation of Medical School Curriculum. Bereavement Care. Medical Student. Medical Education.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da licença Creative Commons CC BY.

Autor correspondente: Maria Cristina Figueroa Magalhães, Rua Imaculada Conceição, 1155, Prado Velho, Curitiba, Paraná, Brasil. CEP: 80215-901. E-mail: mcfigueroamagalhaes@gmail.com

Conflito de interesses: Não há qualquer conflito de interesses por parte de qualquer um dos autores.

Recebido em: 20 Mar 2023; Revisado em: 03 Ago 2023; Aceito em: 01 Ago 2024.

INTRODUÇÃO

O termo “Cuidados Paliativos” (CP) surgiu em 1967, na Inglaterra, a partir da iniciativa de Cicely Saunders em unir a medicina, a enfermagem e a assistência social com a finalidade de oferecer cuidado integral ao paciente, desde o controle de sintomas, alívio da dor e do sofrimento psicológico. O principal objetivo era remontar-se à origem do termo, que busca cobrir e amparar pacientes cuja cura já não é mais possível, e unir diversas áreas do cuidado visando humanizar a terminalidade da vida e oferecer alívio no sofrimento humano. No Brasil, a aplicação efetiva da expressão foi tardia, somente em 1980 o modelo piloto de Cuidados Paliativos chegou,¹ entretanto, apenas em 2010 tornou-se uma área de atuação da medicina.

Soma-se a isso, uma hierarquização das áreas de saúde, que segmenta o cuidado integral e multidisciplinar e atrasa a implementação dos CP, além de um despreparo das atuais faculdades de medicina em ressignificar o processo de morte. Hoje, a estimativa no país é de que 54,2% das mortes por ano são por condições que se beneficiariam de CP e essa marca promete alcançar 85,2% já em 2040.²

No Brasil, o entendimento da morte está atrelado a uma condição indesejada e a um resultado de fracasso da atuação do profissional, a qual esteve sempre vinculada ao diagnóstico e à cura.³ Segundo Menezes,⁴ há um crescimento da denominada morte moderna, que vem acompanhada por um processo de despersonalização daquele que morre só. A Medicina Paliativa, porém, busca tratar a morte não como um episódio isolado, mas um processo natural e inevitável,⁵ que não deve se distanciar do aprimoramento da qualidade de vida e de ações que previnam e aliviem o sofrimento do doente e de sua família.

De acordo com a Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP),⁶ a graduação de medicina não ensina o médico a lidar com o paciente em fase terminal, pois existe uma carência de disciplinas que abordem o tema. No Brasil, uma pesquisa de 2019 mostrou que, mesmo no final do curso, menos de 58,9% dos acadêmicos de medicina responderam estar preparados para lidar com cuidados terminais.⁷ É notório, portanto, que embora haja entendimento primário da ética e teoria por trás do paliativismo e interesse em ter na grade curricular a Medicina Paliativa integrada de forma mais ativa, há, ainda, escassez na abrangência de aspectos de comunicação profissional-paciente, insuficiência de abordagens práticas de comunicação de más notícias e de atenção aos pacientes dependentes permanentemente de CP.

Dessa forma, desmistificar o Cuidado Paliativo e torná-lo protagonista frente ao fim da vida é expor um pilar essencial para a vivência do processo da morte.⁸ Com base nesse panorama, o presente estudo buscou avaliar o nível de conhecimento acerca dos CP dos estudantes de Medicina de todos os anos das faculdades de Curitiba-PR. Para tanto, avaliou-se a compreensão da expressão “Cuidados

Paliativos”, a aptidão e a autonomia dos alunos em prestar tal cuidado aos pacientes, a capacidade em comunicar más notícias, além de questões que avaliavam o manejo esperado para esses pacientes.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal e descritivo para análise dos conhecimentos relacionados aos CP entre os acadêmicos de medicina de Curitiba. A amostra foi composta por 201 participantes, selecionados por conveniência, com poder de amostragem de 96,8%, comprovando a diferença significativa entre os grupos analisados. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), sob protocolo CAAE nº 37702720.0.0000.0020.

Foram incluídos nesse estudo indivíduos com 18 anos ou mais, matriculados e cursando medicina ao momento em que responderam ao questionário, entre o primeiro e sexto ano da graduação, em uma das universidades de Curitiba (Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR, Universidade Federal do Paraná - UFPR, Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná - FEMPAR, Universidade Positivo - UP e Faculdades Pequeno Príncipe - FPP). Além disso, os alunos precisavam ter acesso à internet e ao Whatsapp e concordar com o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Foram excluídos os estudantes que preencheram de forma incompleta o questionário e graduandos matriculados no curso, mas em processo de trancamento, movimentação interna ou abandono do curso.

Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário aos participantes durante o período de setembro de 2020 a março de 2021, via *Google Forms*, composto por um total de 19 perguntas, dividido em três partes: perguntas sobre o perfil epidemiológico do estudante, perguntas subjetivas e perguntas referenciadas em provas de residência com o tema. A primeira parte continha 5 questões a respeito das variáveis de faixa etária, sexo, identificação da universidade, período do curso e se havia cursado a matéria de CP ou se essa estava presente na grade curricular de sua faculdade. A segunda foi composta por 7 perguntas subjetivas em que os participantes assinalaram o que melhor os representava em relação ao conhecimento sobre a área; a sentirem-se aptos para atuar com CP; a considerarem-se com autonomia para sugerir e discutir abordagens terapêuticas psicossociais durante o estágio universitário; a aprenderem técnicas para comunicação de más notícias; a sentirem-se preparados para lidar com a morte de um paciente; e a identificar o sentimento que melhor descreve-os frente a um paciente que receberá tratamento paliativo. Na terceira parte do questionário foram realizadas 8 perguntas objetivas, retiradas de um banco de dados de concursos e provas de residência médica e multiprofissional. O propósito em realizar essas questões foi avaliar, de forma concreta, o conhecimento teórico dos acadêmicos de medicina. O intuito analítico não era diferenciar entre respostas certas e erradas de maneira generalista, mas

avaliar quantos daqueles que erraram as questões já tinham cursado a disciplina de CP, de forma a identificar as lacunas de conhecimento e quais as intervenções necessárias nesse escopo. Os dados obtidos no questionário foram armazenados em uma planilha no programa Microsoft Excel.

Para análise, os participantes foram divididos em 2 grupos: os que cursaram CP previamente e aqueles que ainda não tinham cursado. As notas obtidas por cada grupo foram expressas em médias, intervalo de confiança de 95% da média e desvio padrão. O teste de Shapiro-Wilk foi aplicado para avaliar a normalidade das notas. Após, foi realizada análise comparativa do desempenho observado em cada grupo, sendo utilizado o teste de Kruskal-Wallis para análise de dados não paramétricos. Além disso, foi realizada análise descritiva a partir das respostas às perguntas subjetivas. As estimativas foram obtidas com o programa R, versão 4.3.1.

RESULTADOS

Os 201 estudantes possuíam idade entre 18 e 35 anos (média de 21,8 anos) (Tabela 1). Desses, 160 eram do sexo feminino (79,6%) e 41 do sexo masculino (20,4%). Ao total, 5 instituições de Curitiba foram avaliadas e a maioria dos alunos pertenciam à PUCPR (48,3%), seguido da UP (20,9%), FPP (11,9%), FEMPAR (9,5%) e UFPR (9,5%) (Tabela 1). Mais da metade dos universitários cursava o segundo e terceiro ano de medicina (57,3%) (Tabela 2). 78,1% não tiveram até o momento da pesquisa e/ou não vão ter a disciplina de CP na matriz curricular da sua universidade (Tabela 3). 21,9% disseram ter tido ou cursavam no momento CP. Das 5 instituições de ensino presentes na capital, 3 possuem a matéria como obrigatória na grade curricular e 1 delas recentemente passou a tê-la como eletiva.

Tabela 1. Dados epidemiológicos dos estudantes de medicina das faculdades de Curitiba-PR em 2020-2021.

Faixa etária	
Idade	Porcentagem
20 anos	22,7%
21 anos	19,7%
22 anos	17,2%
21 anos	11,3%
Sexo biológico	
Sexo	Porcentagem
Feminino	79,8%
Masculino	20,2%

Nota: PUCPR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná; UP: Universidade Positivo; FPP: Faculdade Pequeno Príncipe; UFPR: Universidade Federal do Paraná; FEMPAR: Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná.

Continua.

Conclusão.

Tabela 1. Dados epidemiológicos dos estudantes de medicina das faculdades de Curitiba-PR em 2020-2021.

Faculdade em que cursa medicina	
Instituição	Porcentagem
PUCPR	48,3%
UP	20,7%
FPP	11,8%
UFPR	9,9%
FEMPAR	9,4%

Nota: PUCPR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná; UP: Universidade Positivo; FPP: Faculdade Pequeno Príncipe; UFPR: Universidade Federal do Paraná; FEMPAR: Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná.

Tabela 2. Informações sobre o ano que os estudantes estavam cursando medicina durante o período de 2020-2021.

Ano que está cursando em medicina	
Ano do curso	Porcentagem
1º ano	11,3%
2º ano	29,1%
3º ano	28,6%
4º ano	15,8%
5º ano	12,8%
6º ano	2,5%

Tabela 3. Cuidados paliativos nas faculdades de medicina de Curitiba de 2020 a 2021.

Disciplina de CP na faculdade	
Status curricular	Porcentagem
Ainda não cursou	67%
Já cursou a matéria	19,2%
Não cursou e não tem essa disciplina na grade curricular	11,3%
Está cursando CP no período atual	2,5%

Nota: CP: Cuidados paliativos.

Dentre os alunos que já tiveram ou estavam cursando a matéria, a média de acertos foi de 6,3 em relação ao total de 8 questões; já entre aqueles que não tiveram a disciplina a média ficou em 5,4/8.

Do total de participantes da pesquisa, 31 estudantes cursavam os dois últimos anos da faculdade (5º e 6º ano), sendo vinte e seis do 5º ano e cinco do 6º ano. Dos alunos

do penúltimo ano, 19,2% erraram a pergunta relativa aos princípios dos CP determinados pela Organização Mundial de Saúde (OMS), mesmo tendo tido a matéria na grade curricular da faculdade. Já para aqueles que não tiveram a matéria, o maior índice de erros foi referente aos conceitos de terminalidade e os elementos da doença terminal. Representando os alunos do último ano, apenas 1 participante que cursou a CP acertou todas as questões.

Além disso, o item que obteve maior porcentagem de acertos (87,7%) foi referente à conceituação de CP e a que subpopulação eles são prestados. Por outro lado, a pergunta que mais gerou respostas de “não sei responder a essa pergunta” (31,5%) foi aquela relacionada ao atendimento ambulatorial em CP.

A fim de ampliar a validação do conhecimento na área usou-se perguntas subjetivas que relacionavam a compreensão do significado da expressão CP, a aptidão,

autonomia e preparo autodeclarados, além do sentimento que o tema despertava no estudante. Embora 99,5% dos alunos tenham afirmado conhecer o significado de CP, somente 17,9% considera-se apto para prestar essa forma de cuidado e 65,7% declararam não possuir autonomia para discutir sobre os aspectos emocionais, psicológicos e sociais que afetam a vida do paciente que está enfrentando a terminalidade. Entre aqueles que já cursaram ou estavam cursando a disciplina 36,4% consideraram-se aptos para prestar os CP e 40,9% declararam-se capazes em lidar com a morte de um paciente, enquanto, entre os acadêmicos que não tiveram a matéria, 87,3% negaram se sentir habilitados em oferecer tais cuidados a um enfermo e 70,1% responderam não estar preparados para enfrentar a morte de um paciente (Tabela 4). A respeito do sentimento que os participantes referiram melhor descrever frente a um paciente que recebe cuidados paliativos, 71% referiu compaixão, 18% impotência, 4% pena, 4% outros, 3% empatia, sendo outros: respeito, solidariedade, apreensão, cuidado, esperança, nenhum.

Tabela 4. Análise das respostas obtidas pelos estudantes nos questionários objetivos e subjetivos.

Análise da PERCEPÇÃO			
Grupo	Sente-se capacitado para aplicar cuidados paliativos (N=36)	Sente-se preparado para lidar com a morte de um paciente (N=65)	
Não cursou CP (N=157)	20 (12,7%)	47 (29,9%)	
Cursou ou está cursando CP (N= 44)	16 (36,4%)	18 (40,9%)	
Análise de ACERTOS nas perguntas objetivas			
Grupo	Média de acertos (intervalo de confiança)	Desvio padrão	p valor
Não cursou CP (N = 157)	5,4 (5,1-5,7)	1,9	0,04324
cursou ou está cursando CP (N=44)	6,3 (5,9-6,7)	1,2	

DISCUSSÃO

Nesse estudo, é possível observar diferenças significativas quanto ao conhecimento teórico sobre CP e a prática entre os estudantes de medicina. Dos 44 participantes que relataram estar tendo/tido a matéria de CP, apenas 36,4% se consideram aptos a aplicar o conhecimento. A razão dessa porcentagem baixa pode ser interpretada como resultado da falta de aplicação prática da matéria pelos estudantes entrevistados.

Outra questão analisada foi a definição de CP, em que 99,5% dos pesquisados afirmam conhecer o significado do termo, apesar da minoria considerar-se apta a prestá-los (17,9%). Um estudo realizado na Índia⁹ corrobora com tal achado no sentido de que grande parte dos participantes dominavam o conceito, mas não tinham conhecimento detalhado de sua aplicação prática. Isso ocorre, como demonstrado em outras pesquisas, pela falta de exposição a pacientes em situação paliativa, além

da necessidade de aprender como administrar as próprias emoções diante das situações sobre o tema.¹⁰ Evidencia-se, portanto, que um maior contato dos estudantes com o tema é extremamente benéfico para uma melhor preparação para prestação de serviços relacionados aos CP. Para que isso ocorra, os alunos poderiam buscar, durante a graduação, oportunidades extracurriculares para aperfeiçoamento, já que nem todas as universidades pesquisadas oferecem em sua matriz curricular a formação em CP.¹¹

Para Centeno C, et al.,¹² a prática é essencial na aprendizagem dos CP. Seu estudo, realizado com 316 estudantes de medicina que participaram de um curso de CP na Universidade de Navarra, mostra que a compreensão de conceitos teóricos aprendidos em sala de aula é mais bem aproveitada quando há experiência de vivenciar o assunto. Tal panorama é reforçado pelo presente estudo ao se observar que apenas um acadêmico acertou todas as

respostas objetivas da pesquisa, apesar do grande número de participantes que já tinham cursado a disciplina de CP.

Além disso, grande parte dos avaliados afirmou dificuldade em enfrentar a morte de um paciente, demonstrando carência na preparação sobre o tema durante a faculdade. Semelhante resultado foi descrito por Cripe et al,¹³ que demonstrou haver, por parte dos graduandos, a percepção de falta de exposição à morte durante o curso e uma lacuna no ensinamento de como abordar esse tema no futuro.

Uma possibilidade para aprimorar os conhecimentos dos alunos sobre CP e expô-los ao processo de morte durante a faculdade seria ampliar as atividades práticas em hospitais universitários, como também é possível utilizar simulações clínicas em centros de simulação. Essa técnica de ensino permite ao aluno aplicar seus conhecimentos sobre o assunto em um ambiente seguro e controlado, preparando-o para o atendimento real e aprimorando sua autoconfiança frente a aplicação dos CP.¹⁴

Ademais, dentre os dados levantados com as percepções dos alunos, foi obtido que 59,1% dos participantes que já cursaram ou estavam cursando a disciplina de CP não se sentiam preparados para enfrentar a morte de um paciente. Neste cenário, é evidenciada a demanda do desenvolvimento das habilidades humanitárias e emocionais dos estudantes e o preparo para lidar com temas como a finitude da vida.

Em relação à condição emocional do estudante frente ao cuidado terminal, questionou-se qual seria o melhor sentimento diante de um paciente que iria receber o tratamento paliativo, e a maior parte dos participantes respondeu “compaixão”. Sabe-se que compaixão, em sua origem etimológica, significa “sofrer com”,¹⁵ sendo definida como “uma profunda consciência do sofrimento do outro juntamente com o desejo de aliviá-lo”¹⁶ ou também “resposta virtuosa que procura abordar o sofrimento e as necessidades de uma pessoa por meio da compreensão e ação relacional”.¹⁷ O sentimento de compaixão pode ser entendido como uma evolução dos sentimentos de simpatia e empatia, que significam, respectivamente, uma reação emocional de pena diante do sofrimento do outro e a capacidade de compreender e reconhecer com precisão os seus sentimentos, levando a uma resposta sintonizada do observador.¹⁷ Frente aos diferentes significados que a palavra pode contemplar, nesta pesquisa interpretou-se o termo “compaixão” como um sentimento positivo diante do cenário descrito na questão. A expressiva porcentagem (71%) de estudantes que responderam à pergunta com essa opção revela que os acadêmicos possuem, portanto, um sentimento positivo frente ao paciente que irá receber CP. Dentro da medicina, a aplicação profunda da empatia envolve reconhecer o paciente como um ser humano semelhante e cultivar um sentimento de fraternidade. Este sentimento de humanidade partilhada pode criar uma sensação de segurança em situações de grande incerteza, como nos cuidados de fim de vida e na promoção de um trabalho em

equipe eficaz,¹⁸ o qual deve ser estimulado em estudantes e profissionais da área de saúde.

A segunda e a terceira respostas mais escolhidas, impotência (18%) e pena (4%), respectivamente, podem ser entendidas como sentimentos mais negativos, que refletem uma falta de poder ou capacidade para mudar ou melhorar a situação do paciente.¹⁹ Nesse contexto, é interessante ressaltar que a questão em discussão abordou a situação de um paciente que iria receber tratamento paliativo. Logo, pode-se inferir que os estudantes que marcaram essas opções de resposta possivelmente não compreenderam de fato o significado de tratamento/cuidado paliativo, ou então, consideraram o paciente em questão como aquele que está sofrendo ou em fim de vida - apesar do Cuidado Paliativo buscar oferecer conforto e qualidade de vida aos pacientes cuja possibilidade de cura é pequena ou inexistente.

Observou-se ainda que 65,7% do total dos participantes não possui autonomia para discutir a abordagem psicossocial, que considera fatores emocionais e sociais em conjunto ao aspecto médico, com o paciente. Nesse sentido, o trabalho publicado por Silveira, Natyele Rippel et al.²⁰ demonstra que embora os temas morte e processo de morrer façam parte da realidade dos profissionais de saúde, muitos não estão preparados e se sentem constrangidos ao abordar o assunto com seus pacientes.

Percebe-se que é de suma importância que o aluno desenvolva habilidades que vão além do conhecimento teórico para que haja uma abordagem integral do paciente. Essas habilidades englobam comunicação, sensibilidade, empatia, atenção, afeto, compromisso, segurança, entre outros, que se empregados de forma correta, permitem uma conexão afetiva e efetiva entre o cuidador e a pessoa cuidada. Isso se deve ao fato de que tais práticas enriquecem o vínculo e estimulam a confiança entre ambos, de modo a amenizar ansiedades e aflições do enfermo, colaborando assim, para aplicação dos CP em sua totalidade.²¹

É possível observar que apesar da definição de CP ser bem difundida entre a população participante, visto a porcentagem de acertos na primeira questão objetiva - em que 87,7% dos participantes demonstraram conhecimento sobre a conceituação básica acerca do tema, pode-se considerar este um conhecimento superficial, uma vez que, em questões que necessitavam de uma compreensão mais profunda da temática e suas práticas, foi observada uma porcentagem importante de alunos que assinalaram “não sei responder essa pergunta”, assim como as respostas incorretas. Além disso, mais de 82,1% dos estudantes não se consideravam aptos a prestar essa forma de cuidado.

Nota-se, portanto, a necessidade do aprimoramento do aprendizado destes futuros profissionais da saúde acerca dos CP ainda no ambiente universitário, uma vez que é de grande importância à prática médica o conhecimento acerca das terapias não curativas, o manejo da dor e da terminalidade.

Além disso, tais domínios enaltecem a formação humana destes estudantes, contribuindo para a construção de um profissional integral, cujo cuidado envolve o paciente como um todo.¹

CONCLUSÃO

Conclui-se que grande parte dos acadêmicos que participaram dessa pesquisa, apesar de possuírem um

bom conhecimento técnico acerca do Cuidado Paliativo, sentem-se despreparados para atuar com tais situações na prática médica. Evidencia-se, portanto, a necessidade de medidas que proporcionem mudanças nas universidades, de forma a abordarem o tema com um maior enfoque prático, além de maior incentivo aos estudantes para buscarem suprir lacunas presentes em sua graduação por meio de atividades extracurriculares.

REFERÊNCIAS

- Moraes SA, Kairalla MC. Assessing knowledge of Medical undergraduate students on palliative care in end-stage disease patients. *Einstein (São Paulo)*. 2010;8(2):162-7.
- Santos CE, Campos LS, Barros N, Serafim JA, Klug D, Cruz RP. Palliative care in Brazil: present and future. *Rev Assoc Med Bras (1992)*. 2019;65(6):796-800.
- Montanha D, Peduzzi M. Educação permanente em enfermagem: levantamento de necessidades e resultados esperados segundo a concepção dos trabalhadores. *Rev Esc Enferm USP*. 2010;44(3):597-604.
- Menezes RA. Tecnologia e “Morte Natural”: o morrer na contemporaneidade. *Physis*. 2003;13(2):129-147.
- Simão AB, Santos F, Oliveira LF, Santos RA, Hilário RC, Caetano SC. A atuação do Serviço Social junto a pacientes terminais: breves considerações. *Serv Soc Soc*. 2010;(102):352-364.
- Andrade L. A Atuação do Serviço Social em Cuidados Paliativos. In: *Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP). Manual de cuidados paliativos*. São Paulo: ANCP; 2009. p.221-223.
- Orth LC, Haragushiku EY, Freitas IC, Hintz MC, Marcon CE, Teixeira JF. Conhecimento do Acadêmico de Medicina sobre Cuidados Paliativos. *Rev Bras Educ Med*. 2019;43(1 Supl. 1): 286-295.
- Braide CS, Leal Plínio C da, Souza Mércia HSL de. Avaliação do grau de conhecimento sobre cuidados paliativos e dor dos estudantes de medicina em uma faculdade particular de São Luís/MA. *Rev. Investig Bioméd*. 2018;10(3):207-218.
- Uplap PA, Malvi V. Is Palliative Care a Perceived Need of Medical Post Graduate Students of Mumbai, India? *Indian J Public Health Res Dev*. 2020; 11(10):41-45.
- Boland JW, Dikomitis L, Gadoud. A Medical students writing on death, dying and palliative care: a qualitative analysis of reflective essays. *BMJ Support Palliat Care*. 2016;6(4):486-492.
- Pahal A, Bhagalia M, Desai S, Goonewardena B. Medical Student Perspective on Palliative Care Teaching. *Am J Hosp Palliat Care*. 2020 Sep;37(9):754.
- Centeno C, Ballesteros M, Carrasco JM, Arantzamendi M. Does palliative care education matter to medical students? The experience of attending an undergraduate course in palliative care. *BMJ Support Palliat Care*. 2016;6(1):128-34.
- Cripe LD, Hedrick DG, Rand KL, Burns D, Banno D, Cottingham A, et al. Medical Students’ Professionalism Narratives Reveal That Experiences With Death, Dying, or Palliative Care Are More Positive Than Other Experiences During Their Internal Medicine Clerkship. *Am J Hosp Palliat Care*. 2017;34(1):79-84.
- Giugni FR, Scalabrini A Neto. A importância do centro de simulação na Educação Médica. *Rev Med UFC*. 2022;62(1 supl):1-3.
- Crawford GB, Zambrano SC. Junior doctors’ views of how their undergraduate clinical electives in palliative care influenced their current practice of medicine. *Acad Med*. 2015;90(3):338-344.
- Nunberg G, Newman E. *The American heritage dictionary of the English language*. 5th ed. Boston: Houghton Mifflin Harcourt; 2011. 375p.
- Sinclair S, McClement S, Raffin-Bouchal S, Hack TF, Hagen NA, McConnell S, et al. Compassion in Health Care: An Empirical Model. *J Pain Symptom Manage*. 2016;51(2):193-203.
- Sinclair S, Beamer K, Hack TF, McClement S, Bouchal SR, Chochinov HM, et al. Sympathy, empathy, and compassion: A grounded theory study of palliative care patients’ understandings, experiences, and preferences. *Palliat Med*. 2017;31(5):437-447.
- Jeffrey DI. Shakespeare’s empathy: enhancing connection in the patient–doctor relationship in times of crisis. *J R Soc Med*. 2021;114(4):178-181.
- Silveira NR, Nascimento ER, Rosa LM, Jung W, Martins SR, Fontes MD. Cuidado paliativo e enfermeiros de terapia intensiva: sentimentos que ficam. *Rev Bras Enferm*. 2016;69(6):1074-1081.
- Andrade CG, Costa SF, Lopes ME. Cuidados paliativos: a comunicação como estratégia de cuidado para o paciente em fase terminal. *Cien Saude Colet*. 2013;18(9):2523-30.

Como citar:

Magalhães MC, Mesadri IR, Pandini GK, Hornung FL, Patino GP, Tonin RS, et al. Cuidados paliativos no ensino médico. *Rev Med UFC*. 2025;65(1):e85191.